

5 CONCLUSÃO

Do surgimento da fotografia aos dias de hoje, a imagem fotográfica ganhou força como registro, memória, referência, localização, representação de segurança e insegurança, de bem estar e incômodo, mas, sobretudo, ganhou força como linguagem.

A cada dia mais cidadãos portam consigo uma câmara fotográfica, uma filmadora e um gravador de som. Aparatos interconectados entre si e a milhares de outros, independente de fronteiras geográficas, sociais ou políticas, que permitem produzir, veicular e receber imagens em qualquer lugar ou a qualquer momento. As pessoas têm em mãos um equipamento que as tornam permanentes e potenciais fotógrafos, cineastas ou atores de um mundo que transcorre aos seus olhos.

A tecnologia digital, ampliando as próteses da visão, deixou o mundo mais visível e iluminado. Tudo parece acontecer diante das lentes e dos gravadores. Todos os eventos parecem ser acompanhados de imagens, não importa se é um acidente ou um show musical. Acredito que este seja hoje um critério de seleção para os noticiários televisivos, dada a expectativa do telespectador em ver os acontecimentos. O que não tem imagem fica em um segundo plano. Com isso, os meios de comunicação transmitem a certeza do eterno olho em alerta e que por meio deles tudo veremos e tudo saberemos.

A exponencial digitalização do mundo na sociedade contemporânea tem provocado a contínua criação de um mundo paralelo, de mesma aparência, constantemente disponível, aprisionado em forma de megabytes nas memórias eletrônicas, mas com promessa de vida eterna. A cada dia aumenta a percepção de que os acontecimentos se dão para produzir imagens, para serem vistos e revistos depois, e só depois. Os bancos de imagem se multiplicam. As imagens das câmaras portáteis somam-se às produzidas pelas infundáveis câmaras de segurança que nunca dormem ou desligam; as *webcams*, que olham sempre para aqueles que se posicionam diante de um computador; as câmaras dos GPSs que mapeia constantemente os espaços das cidades e campos; e por fim, as câmaras de satélites que se aproximam a cada momento, propondo um novo ângulo. São inumeráveis os aparatos acionados para saciar a necessidade

contemporânea do tudo ver. A vida se desenrola diante de um número cada vez maior de câmaras e, por causa das imagens, conceitos de público e privado se tornam tênues, provocando novas fricções e conflitos sociais.

Recordações e registros, que foram o impulso e o motor da evolução fotográfica, continuam sendo produzidos. Eles registram, mas não recordam, e prestam agora testemunho duvidoso. A fotografia, que nasceu na coexistência da manufatura e da produção industrial, apresenta ponto de inflexão cento e cinqüenta anos depois, em um momento pós-industrial da coexistência do real com o virtual. No afã de lembrar, ver e fazer ver, a sociedade contemporânea caminha pelo labirinto imagético onde a imagem mostrada não é vista e a mesma que mostra, esconde, transformando o ver em motivo de cegueira.

O mundo digital que coloca em contato culturas distantes, independentes da localização geográfica ou linguística, que cria ambientes cada vez mais povoados nos espaços virtuais, cria também novos desafios para a sociedade mundial, pois nela se perde a identidade e o sentido de pertinência, criam-se multiculturas espalhadas por todos os lugares, pondo em discussão conceito tão importante como: cidadão. Daniel Pennac (1994), refletindo sobre as mudanças sofridas com a globalização, nos lembra que nossos filhos também são filhos e filhas da sua época, enquanto nós, adultos, éramos fundamentalmente filho dos nossos pais.

A globalização, com suas características ainda indefinidas, avança em todas as áreas: da economia aos valores simbólicos; da política à educação. Os fluxos de capitais e produtos fazem os governos locais impotentes nas suas políticas econômicas, os operários não têm mais o poder de barganha na paralisação, pois os produtos são montados e fabricados em inúmeras unidades espalhadas pelo mundo.

Na educação, os efeitos destas influências são sentidos de forma imediata, pois o processo educacional não se restringe só à educação formal, abrange o entorno da escola, os meios de comunicação, dentre outros. Um destes efeitos é o conflito entre cultura oficial e cultura popular; a primeira valoriza o racional, a reflexão e a abstração e a segunda valoriza o sensorial, o concreto e o dinâmico. A contrariedade entre essas duas culturas tem acirrado os desencontros educacionais.

Com a pesquisa, concluí que a passagem da tecnologia analógica à digital afetou profundamente a disciplina de fotografia, principal responsável pelo ensino da linguagem fotográfica. Observei que as mudanças tecnológicas estão interferindo também na relação da disciplina de fotografia com os cursos de Design da PUC- Rio e Univille, e que, apesar dos avanços obtidos com a nova tecnologia, as perdas são sentidas pelos professores, dificultando a conclusão do processo de transição vivido atualmente.

A tecnologia digital, que potencializou e criou novas formas de acesso à linguagem fotográfica, também impulsionou novos conhecimentos e com isso outras perspectivas foram geradas, tanto para linguagem como para os seus processos de ensino e aprendizagem. Sua incorporação possibilitou a convergência da fotografia com outros equipamentos eletrônicos, mas principalmente levou o usuário ao ponto central deste processo, pois cabe a ele escolher como, quando e onde produzir, receber ou veicular as suas imagens. Observei, com a pesquisa empreendida, que estes novos fluxos midiáticos estão impondo mudanças no exercício do ensino, da produção e do consumo de imagens, além de colocarem a prova as teorias elaboradas até agora sobre a imagem fotográfica e suas práticas.

Concluí que os ciclos de substituição das tecnologias nas universidades estudadas estão se fechando. Embora preferisse ver as duas tecnologias conviverem paralelamente no ensino do Design, reconheço que será uma empreitada difícil de ser vencida por vários argumentos, como: questões de espaço, custo financeiro e, sobretudo, pelo papel que a fotografia exerce nestes cursos. Auguro que a tecnologia analógica possa continuar a ser estudada e exercitada nas universidades por meio de futuras graduações no campo da fotografia, como sugeriu a professora Lifschitis (PUC- Rio, 1998) na conclusão de sua pesquisa. Discordo de um professor ouvido pela Lifschitis (Idem) em sua pesquisa, que, ao se lamentar da mudança tecnológica, coloca que a tecnologia analógica é abandonada sem ter sido realmente conhecida. Não acredito no conhecimento pleno, pois este sempre estará ligado a um contexto e discordo que esta tecnologia será abandonada, acredito antes, que estará sempre sendo estudada e praticada em outras esferas do ensino e eventualmente até mesmo no campo do Design.

A popularização dos aparatos e a simplificação dos procedimentos fotográficos oferecidos pela nova tecnologia ao campo da fotografia

oportunizaram a um maior número de pessoas a se expressarem por meio da imagem. Novos e múltiplos espaços de veiculação e armazenagem foram desenvolvidos a um custo infinitamente menor do que o proposto pela tecnologia analógica. Tenho consciência, contudo, de que o mesmo oceano que nos transporta e nos alimenta também apresenta riscos, pois, sujeito a correntes, ventos e mudanças climáticas, exige de nós constantes leituras e ajustes no percurso. Contreras (2008) nos mostra que os sistemas técnicos concretos não estão isentos do juízo de valor ou eticamente neutros, e exercer sobre estes uma constante leitura e análise é necessário para traçar rumos. Não é possível encarar a tecnologia como no mito de Prometeu, sem submetê-la a um processo reflexivo constante.

As mudanças tecnológicas ocorridas no ensino da fotografia nos últimos anos foram significativas, como vimos no desenvolver da pesquisa, mas acredito que estas mudanças são ainda menores do que as mudanças ocorridas na comunicação, no comportamento e na sociedade como um todo, por isso vejo a necessidade de expor este tema a constante debate, no intuito de produzir novas estratégias de ensino que possam, não só instrumentalizar o aluno dos cursos de Design para o uso da imagem fotográfica em seu contexto profissional, mas, despertar junto ao estudante e futuro designer, a consciência de que, mais do que uma ferramenta profissional, a imagem fotográfica é uma linguagem e como tal nos mostra, nos permite vivenciar, aprender e mudar o mundo.

Cheguei a conclusão de que, com a introdução da tecnologia digital no campo da fotografia, houve uma migração dos conteúdos que antes se atinham à disciplina de fotografia para outras disciplinas e que, de forma contrária ou no mesmo sentido, conteúdos que eram tratados em outras disciplinas como projeto, linguagem visual, antropologia, computação gráfica, dentre outras, migraram para a disciplina de fotografia, provocando rupturas nas fronteiras disciplinares do curso de Design. Estas rupturas têm produzido novas configurações e provocado uma ação interdisciplinar e criativa na formação do designer, ações que vão ao encontro do que propunha Bomfim (1997) como premissa para construção de uma Teoria do Design. Com a ruptura das fronteiras, se inicia um novo processo na formação do designer e por consequência na estrutura curricular.

Observei junto aos professores que os alunos estão transferindo as suas atenções do pré para o pós fotográfico. Com a tecnologia analógica, objetivando ser assertivo no fotografar, se mostravam mais preocupados com os fundamentos técnicos. Com a tecnologia digital e a possibilidade de correção por meio dos *softwares* de tratamentos de imagens, a preocupação está se transferindo rapidamente para o pós fotográfico. Acredito que isso tenha acontecido pelo fato da imagem fotográfica ter se tornado mais barata, menos laboriosa e de fácil manipulação, além da influência da cultura do vídeo game com os seus constantes *reloadeds*, levando o ato fotográfico a uma relação de erro e acerto com possibilidade de inúmeros retornos.

A câmara fotográfica passa a integrar outros aparatos como o celular, o *smartphone* e os computadores de mesa ou portáteis. Esta convergência não se limita a portabilidade ou a multifuncionalidade, cria uma nova estética, impulsiona o ato, influencia o nosso cotidiano. Os conflitos do Afeganistão ou da primavera árabe serviu de exemplo. As imagens veiculadas não pertenciam apenas a jornalistas, pelo contrário, foram produzidas por pessoas comuns da sociedade, por soldados detentores de celulares, que, por motivação outras e ângulos próprios, postavam suas fotos na internet.

As imagens dos momentos fotográficos mais impactantes produzidas atualmente pelo fotojornalismo são frames que compõem uma filmagem, pois as novas câmaras fotográficas também filmam e gravam som em alta resolução. A opção da imagem fixa ou em movimento é decidida por uma tecla na hora da captação, ou transferida para o momento pós captação. Os *softwares* de tratamento de imagens estão migrando para própria câmara fotográfica e se inserindo como parte do processo fotográfico. Estes indícios me fazem inferir que a falta de atenção dos alunos, observada pelos professores na pesquisa, nada mais é do que o deslocamento do aparato à linguagem. Observei que o mesmo deslocamento acontece com a aprendizagem e necessariamente deve acontecer com o ensino.

As convergências dos aparatos estão colocando em discussão conceitos que nos pareciam já consolidados, como: fotografar, filmar e manipular imagem. Com todas estas mudanças, percebi que o ciclo da mudança tecnológica está em processo de fechamento, mas a tecnologia digital ainda está convivendo paralelamente com a analógica, se não nos aparatos, mas na forma de ensino e aprendizagem, mostrando uma oportunidade do aprofundamento das discussões

que abordem não só aspectos tecnológicos, mas também aspectos socioculturais relacionados às mudanças que estão ocorrendo dentro e fora das salas de aula.

Observei e vejo, como necessário, gerar junto e para os alunos, com os olhos voltados à cultura formal e informal, novas estratégias de ensino e aprendizagem. Por isso considero que o uso de qualquer ferramenta tecnológica, seja ela digital ou analógica, sofisticada ou simples, mas que esteja inserida em um projeto pedagógico consistente e que tenha como objetivo o desenvolvimento psicológico, ético, criativo e expressivo dos alunos, deve ser utilizada, pois nenhum aparato tem utilidade se não existir o domínio da linguagem, da criatividade ou simplesmente se não tivermos nada para expressar. Este momento de transição e convergência tecnológica mostra que trabalhar de forma reflexiva e desenvolver junto ao aluno a consciência da responsabilidade social e ética, no tratar com a imagem fotográfica, vem ao encontro do que propõem os perfis profissiográficos da PUC- Rio e da Univille, ao defender uma visão de responsabilidade social por parte dos designers formados por estas instituições: “O designer faz a mediação entre o objeto e o ser humano”, “O projeto de design precisa pensar no social, ainda que seja pensado para um indivíduo”, “...o desenvolvimento de projetos comprometidos com a melhoria da qualidade de vida e da cidadania”.

Para Forty (2007), o design é um profissional apenas em função do mercado, um profissional que usa o seu poder criativo como facilitador da circulação de mercadorias, um agente de ideologias. Não se pode negar o peso desta função ao longo da história, mas, ao mesmo tempo, não se pode deixar de observar que o designer ocupa atualmente um papel de grande relevância na sociedade contemporânea, e que sua função pode ser também de elemento pensante e transformador da cultura material, indo além da interferência estética ou da funcionalidade do produto.

O educador como o velejador sabe que, quando se faz uma travessia, deve-se estudar minuciosamente a hora de saída, a previsão do tempo, as cartas náuticas, os pontos de abrigo. Sabe também que no meio de uma travessia, quando o tempo muda, precisa enfrentar os mares que se formam a frente e os ventos que sopram. Todo educador como o velejador deve saber que é necessário dedicar horas para conhecer o seu barco, os instrumentos que possuem, suas velas e saber que para avançar é necessário negociar com cada

onda, aproveitar cada situação a favor da embarcação e acima de tudo que sua tripulação deve chegar em segurança.